

TA-NEHISI COATES

A DANÇA DA ÁGUA

A dança da água

Ta-Nehisi Coates

Tradução de José Rubens Siqueira



Copyright © 2019 by BCP Literary, Inc.
Tradução publicada mediante acordo com One World, um selo da
Random House, divisão da Penguin Random House LLC.

TÍTULO ORIGINAL
The Water Dancer

REVISÃO
Carolina Rodrigues
Ulisses Teixeira

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C584d

Coates, Ta-Nehisi, 1975-
A dança da água / Ta-Nehisi Coates ; tradução José Rubens
Siqueira. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2020.
400 p. ; 23 cm.

Tradução de: The water dancer
ISBN 978-85-510-0636-8
978-85-510-0592-7 [c.i.]

1. Ficção americana. I. Siqueira, José Rubens Siqueira. II. Título.

20-63013

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Meu papel foi contar a história do escravo.

Para a história do senhor não faltam narradores.

FREDERICK DOUGLASS

EU SÓ PODIA tê-la visto ali na ponte de pedra, uma dançarina envolta em um azul fantasmagórico, porque foi assim que a levaram embora quando eu era menino, quando a terra da Virgínia ainda era vermelha que nem tijolo, vermelha de vida, e, embora houvesse outras pontes sobre o rio Goose, devem tê-lo cruzado por essa, com ela amarrada, porque era a ponte que levava à estrada que serpeava pelas colinas verdes e pelo vale antes da curva em uma direção, e essa direção era o sul.

Eu sempre evitava aquela ponte, manchada com a lembrança das mães, dos tios e dos primos que tinham ido para Natchez. Mas conhecendo agora o incrível poder da memória, capaz de abrir uma porta azul de um mundo para o outro, capaz de nos transportar de montanhas para vales, de florestas verdes para campos cobertos de neve, sabendo que a memória pode dobrar a terra como um pano, e também que eu tinha empurrado as minhas lembranças dela para o “lá no fundo” da mente, que eu esqueci, mas que não esqueço, agora sei que essa história, essa Condução, tinha que começar ali naquela ponte fantástica entre a terra dos vivos e a terra dos perdidos.

E ela dançava *juba* na ponte, com um jarro de barro na cabeça e uma grande névoa subindo do rio abaixo beliscando seus calcanhares nus, que

martelavam os paralelepípedos, fazendo seu colar de conchas tremer. O jarro de barro não oscilava; parecia ser quase parte dela, de modo que, mesmo erguendo os joelhos bem alto, mesmo com os mergulhos e as viradas, os braços abertos, o jarro continuava fixo na sua cabeça, como uma coroa. E, vendo esse feito incrível, eu sabia que a mulher que dançava *juba*, envolta em um azul fantasmagórico, era a minha mãe.

Ninguém mais a viu, nem Maynard, que estava na parte de trás da nova carruagem Millenium, nem a garota extravagante que o mantinha extasiado com as suas artimanhas, e, mais estranho ainda, nem o cavalo, embora tivessem me dito que cavalos tinham faro para coisas que saem de outros mundos e caem no nosso. Não, ali do banco de cocheiro da carruagem, só eu a vi, e ela estava exatamente como a descreveram, exatamente como disseram que fora nos velhos tempos, quando pulava para o meio da roda de toda a minha gente, a tia Emma, Young P, Honas e o tio John, e todo mundo batia palmas, batia no peito, batia nos joelhos, animando-a com o tempo dobrado, e ela pisava forte no chão de terra, como se esmagasse algo rastejante com o calcanhar, dobrava o corpo e se curvava, depois se torcia e rodava com as mãos unidas nos joelhos flexionados, com o pote de barro sempre na cabeça. Minha mãe era a melhor dançarina de Lockless, foi o que me disseram, e me lembrei disso porque não herdei esse dom dela, porém eu lembrava que tinha sido a dança que chamou a atenção do meu pai e, assim, me fez existir. E, mais do que isso, eu lembrava porque me lembrava de tudo, tudo, menos dela, ao que parecia.

Era outono, estação em que as corridas vinham para o sul. Naquela tarde, Maynard ganhara uma aposta arriscada em um puro-sangue e achou que isso, enfim, poderia fazer com que conquistasse a tão sonhada estima da gente da Qualidade da Virgínia. Mas, quando fez o circuito ao redor da grande praça da cidade, quase deitado no banco e com um sorriso largo, os homens de sociedade viraram as costas para ele e fumaram os seus charutos. Não houve vivas. Ele era o que sempre seria: Maynard, o idiota; Maynard, o manco; Maynard, o bobo; a maçã podre que havia caído a muitos quilômetros da árvore. Ele se irritou e me fez dirigir até Starfall, a velha casa nos arredores da cidade, onde pagou por uma noite

com uma extravagante e teve a brilhante ideia de levá-la para a casa grande em Lockless e, pior ainda, em um súbito ataque de vergonha, insistiu em sair da cidade pela estrada Dumb Silk, até dar naquela velha rotatória que nos levou de volta à margem do rio Goose.

Caía uma chuva fria e constante enquanto eu conduzia, a água pingava da borda do chapéu, encharcando a minha calça. Dava para ouvir Maynard atrás, com todos os seus joguinhos, se vangloriando dos seus feitos carnais para a garota. Eu forçava o cavalo o máximo que podia, porque só queria chegar em casa e me livrar da voz de Maynard, embora nunca nesta vida eu poderia me livrar dele de verdade. Maynard, que me prendia por uma corrente. Maynard, meu irmão que se tornou o meu senhor. E eu fazia de tudo para não ouvir, procurando uma distração: recordações da festa da colheita do milho ou das velhas brincadeiras de cabra-cega. Lembro que essas distrações não vieram nunca, e, no lugar delas, fez-se um súbito silêncio, que apagou não apenas a voz de Maynard, mas todos os barulhinhos do mundo ao redor. E então, ao espiar dentro da minha cabeça, o que encontrei foram as memórias dos perdidos, homens que aguentavam firme a noite de vigília, mulheres que percorriam uma última vez os pomares de maçã, solteironas que entregavam os próprios jardins para outras pessoas, velhos rabugentos que xingavam a casa grande de Lockless. Legiões de perdidos, levados por aquela ponte sinistra, legiões encarnadas na minha mãe dançando.

Puxei as rédeas, mas era tarde. Passamos direto e o que aconteceu em seguida abalou para sempre a minha noção de uma ordem cósmica. Mas eu estava lá, vi acontecer e, desde então, vi muitas coisas que expõem as fronteiras do nosso conhecimento e tudo o que está além dele.

A estrada sob as rodas desapareceu, a ponte inteira caiu e, por um momento, me senti flutuando sobre a luz azul ou talvez dentro dela. Era quente, me lembro daquele leve calor, porque, ao mesmo tempo que flutuava para fora, eu estava na água, submerso, e ao dizer isso, mesmo agora, sinto que estou de novo naquele lugar, sinto a mordida fria do rio Goose, a água correndo para dentro de mim e aquela agonia ardente que só vem com o afogamento.

Não há sensação que se compare, porque no afogamento não há só agonia, mas perplexidade diante de uma circunstância tão estranha. A mente acredita que deveria haver ar, já que sempre há ar para ser consumido, e a urgência de respirar é algo tão instintivo que exige uma espécie de foco para ser ignorada. Se tivesse pulado da ponte, eu conseguiria explicar a nova situação em que me encontrava. Se tivesse caído pela lateral, teria entendido, porque isso ao menos era imaginável. Mas foi como se eu tivesse sido empurrado de uma janela para as profundezas do rio sem aviso. Continuei tentando respirar. Eu me lembro de gritar por fôlego e me lembro ainda mais da agonia da resposta, da agonia da água entrando em mim e de como eu respondia a isso ofegando, o que só puxava mais água.

De alguma forma, acalmei meus pensamentos; de alguma forma, cheguei a entender que toda aquela agitação só apressaria a morte. E, uma vez entendido isso, notei que havia luz em uma direção e escuridão em outra e deduzi que a escuridão era as profundezas e a luz, seu oposto. Bati as pernas e estendi os braços na direção clara, empurrei a água até que, finalmente, tossindo e vomitando, emergi.

E, ao romper as águas escuras, subi para o diorama do mundo — nuvens de tempestade que pendiam de fios invisíveis, um sol vermelho e poente afixado contra elas e, debaixo daquele sol, colinas salpicadas de grama — e vi a ponte de pedra, que devia estar, meu Deus, a oitocentos metros.

Como a correnteza me levava, a ponte parecia quase correr para longe de mim. Quando me inclinei para nadar em direção à margem, foi ainda essa corrente, ou talvez algum redemoinho submerso invisível, que me puxou para o fundo. Não havia sinal da moça cujo tempo Maynard comprara de forma tão impensada. Mas qualquer pensamento meu a respeito dela foi interrompido por Maynard querendo chamar a atenção, como tantas vezes, com gritos e protestos, decidido a deixar este mundo do mesmo jeito que passara por ele. Estava perto de mim, puxado pela mesma correnteza. Debateu-se nas ondas, gritou, nadou um pouco, então desapareceu, apenas para reaparecer segundos depois, gritando, meio que avançando, se debatendo.

— Socorro, Hi!

Lá estava eu, com a vida pendurada sobre o poço negro sendo chamado para salvar outra pessoa. Em muitas ocasiões, tentei ensinar Maynard a nadar, e ele acatava as instruções do mesmo jeito que acatava qualquer instrução: descuidado e negligente, depois magoado e intolerante quando a negligência não dava frutos. Agora posso dizer que a escravidão o matou, que a escravidão fez dele uma criança, e, agora, caído em um mundo que não mais se sujeitava à escravidão, Maynard morrera no minuto em que tocou a água. Eu sempre fui a proteção dele. Fui eu que, apenas sendo bem-humorado e me rebaixando, impedi que Charles Lee lhe desse um tiro; fui eu que, com pedidos especiais ao nosso pai, o salvei inúmeras vezes da sua ira; fui eu que o vesti todas as manhãs; fui eu que o pus na cama todas as noites; e era eu que estava cansado, tanto no corpo quanto na alma; e era eu, ali, que lutava contra a força da correnteza, contra os eventos fantásticos que me haviam lançado naquela situação, que lutava com a exigência de que eu, mais uma vez, salvasse outra pessoa, quando não conseguia reunir energia nem para salvar a mim mesmo.

— Socorro! — bradou ele novamente, e então gritou: — Por favor!

Disse aquelas palavras como a criança que sempre foi, em tom de súplica. E notei que, ainda que pouco generoso, que mesmo diante da minha própria morte ali no Goose, não me lembrava de já tê-lo ouvido falar de um jeito que refletisse a verdadeira natureza das nossas posições.

— Por favor!

— Não consigo — gritei por cima da água. — Estamos prestes a morrer!

Com essa admissão de morte iminente, vieram a mim as lembranças de uma vida, e a mesma luz azul que eu tinha visto na ponte estava de volta e me envolvia. Lembrei-me de Lockless e de todos os meus entes queridos e, bem no meio da névoa, vi Thena, no dia de lavar roupa, uma idosa que levantava grandes painéis de água fumegante e, com o restante das suas forças, torcia as roupas encharcadas até ficarem úmidas e suas mãos, em carne viva. E vi Sophia com suas luvas e touca, como uma senhora, porque era isso que a sua tarefa exigia, e observei, como tantas

outras vezes, que ela subia a barra do vestido até os tornozelos e descia um caminho para encontrar o homem que a mantinha acorrentada. Senti os meus membros cederem, o mistério e a confusão dos acontecimentos que me haviam jogado nas profundezas não me incomodavam mais, e, desta vez, quando afundei, não havia queimação nem esforço para respirar. Eu me senti sem peso, de modo que, mesmo que afundasse, era como se eu subisse para alguma outra coisa. A água me deixou e eu estava sozinho em um cálido bolsão azul com ela do lado de fora e em torno de mim. E entendi então que enfim ia para a minha recompensa.

Minha mente retrocedeu ainda mais, até aqueles que tinham sido levados para além desta Virgínia, para além de Natchez, e me perguntei quantos poderiam ter ido mais longe, o suficiente para me receber naquele outro mundo do qual eu agora me aproximava. E vi a minha tia Emma, que trabalhara na cozinha todos aqueles anos, passando com uma bandeja de biscoitos de gengibre que servia para os Walker reunidos, mas nenhum para ela ou qualquer um dos seus parentes. Talvez a minha mãe estivesse lá, e, então, na velocidade do pensamento, eu a vi brilhando diante dos meus olhos, dançando na água. E pensando em tudo isso, em todas as histórias, eu estava tranquilo e até feliz por subir na escuridão para cair na luz. Havia paz naquele brilho azul, mais paz do que no sono, e, mais do que isso, havia liberdade, e eu sabia que os mais velhos não tinham mentido, que realmente havia um lar nosso, uma vida além da Tarefa, onde cada momento é como o amanhecer sobre as montanhas. E tão grande foi essa liberdade, que tomei consciência de um peso incômodo que sempre assumira como imutável, um peso que agora se propunha a me acompanhar para sempre. Quando me virei, vi esse peso no meu rastro, e esse peso era o meu irmão, que uivava, se debatia e gritava, implorando pela vida.

Sempre estive sujeito aos caprichos dele. Eu era o seu braço direito e, portanto, não tinha um braço meu. Mas agora estava tudo acabado. Porque eu subia, subia para além desse mundo de Qualidade e Tarefairo. Minha última visão de Maynard foi ele se debatendo na água e lutando por aquilo que não podia mais segurar, até que a sua imagem começou a se tur-

var diante de mim, como a luz que tremula em uma onda, e os seus gritos diminuíram sob aquele nada sonoro ao redor. E então ele se foi. Gostaria de dizer que lamentei ou que fiz algum tipo de registro, mas não fiz. Eu estava indo para o meu final. Ele ia para o dele.

Então, as aparições se aquietaram diante de mim, e me concentrei na minha mãe, que não estava mais dançando, mas ajoelhada diante de um menino. Ela tocou o rosto dele, beijou sua cabeça, colocou o colar de conchas na sua mão e a fechou, então se levantou, com as mãos sobre a boca, virou-se, caminhou para longe, e o menino que observava chorou por ela e tentou segui-la, correu atrás dela, até que caiu e ali ficou, chorando sobre os braços, até que se levantou e virou-se dessa vez para mim, chegou perto, abriu a mão, me ofereceu o colar, e eu vi, enfim, a minha recompensa.

DURANTE A MINHA vida inteira, eu quis ir embora. Não era nada original nisso, todos os Tarefeiros sentiam o mesmo. Mas, diferente deles, diferente de toda Lockless, eu tinha os meios para fazer isso.

Fui uma criança estranha. Falei antes de andar, embora nunca tenha falado muito, porque, mais do que tudo, eu observava e guardava na memória. Ouvia os outros falarem, mas ouvia menos do que via, suas palavras tomavam forma como imagens, correntes de cores, linhas, texturas e formatos que eu podia guardar dentro de mim. E o meu dom era recuperar essas imagens a qualquer momento e traduzi-las de volta com as palavras exatas com que foram evocadas.

Quando eu tinha cinco anos, conseguia, tendo ouvido só uma vez, cantar uma música de trabalho, seus chamados e suas respostas, e a isso acrescentar as minhas próprias improvisações, para o deleite dos mais velhos com os olhos arregalados. Eu tinha nomes individuais para bichos específicos, determinados por lugar e hora do dia onde os tinha visto e o que o animal estava fazendo, de modo que um cervo era Grama na Primavera, outro era Ramo de Carvalho Partido, e assim também foi com a matilha de cães a respeito da qual os mais velhos me alertaram

tantas vezes, mas que, para mim, não era uma matilha, e, sim, cada cão um cão único, mesmo que eu nunca mais os visse, único como qualquer dama ou cavalheiro que eu nunca mais encontrasse, pois também me lembrava deles.

Nunca tiveram que me contar uma história duas vezes, porque, se me diziam que Hank Powers chorou por três horas quando a sua filha nasceu, eu lembrava, e, se me diziam que Lucille Simms fez para o Natal um vestido novo com o uniforme de trabalho da mãe dela, eu lembrava, e, se me falavam daquela vez que Johnny Blackwell sacou uma faca para o seu irmão, eu lembrava, e, se me contavam todos os ancestrais de Horace Collins e onde eles haviam nascido no condado de Elm, eu lembrava, e, se Jane Jackson recitava todas as gerações dela, a mãe dela, a mãe da mãe dela e todas as mães que existiram até o limiar do Atlântico, eu lembrava. Por isso, era natural que lembrasse, mesmo nas entranhas do rio Goose, mesmo depois que a ponte caiu e que vi o meu próprio desterro, que aquela não era a minha primeira peregrinação à porta azul.

Tinha acontecido antes. Quando eu tinha nove anos, um dia depois que a minha mãe foi levada e vendida. Acordei naquela manhã fria de inverno sabendo que ela de fato fora embora. Mas eu não tinha nenhuma foto, nem lembrança de nenhum adeus — na verdade, nenhuma imagem dela. Em vez disso, lembrava dela indiretamente: sabia que a minha mãe fora levada, assim como sabia que havia leões na África, embora nunca tivesse visto um. Quando procurei uma lembrança mais sólida, encontrei apenas retalhos. Gritos. Súplicas, alguém suplicando a mim. O cheiro forte de cavalos. E, em meio a toda essa névoa, uma imagem tremulava, entrava e saía de foco: uma longa calha de água. Eu estava apavorado, não só porque havia perdido a minha mãe, mas porque era um garoto que se lembrava de todos os objetos com as cores tão vivas e as texturas tão ricas que dava até para bebê-las. E lá estava eu, despertando em um sobressalto para nada além de coisas efêmeras, sombras e gritos.

Preciso ir embora. Isso também veio a mim mais como sentimento do que como pensamento. Havia uma dor, uma brecha, um despir-me de mim mesmo que eu sabia ser incapaz de evitar. Minha mãe se fora e eu

devia segui-la. Naquela manhã de inverno, vesti camisa e calça de algodão, enfi os braços no casaco preto e amarrei as botinas. Saí para a Rua, a área comum entre duas longas fileiras de cabanas de troncos de madeira, onde aqueles de nós que trabalhavam no campo de tabaco tínhamos morada. Um vento gelado raspou o chão empoeirado entre as habitações e cortou o meu rosto. Era domingo, duas semanas depois das Festas, de madrugada, pouco antes do nascer do sol. Ao luar, eu podia ver a fumaça subindo em baforadas escuras das chaminés das cabanas e, atrás delas, árvores negras e nuas, balançando bêbadas ao zunido do vento. Se fosse verão, a Rua, mesmo àquela hora, estaria viva com o comércio da terra: repolhos e cenouras recém-colhidos, ovos de galinha para serem trocados ou até mesmo levados para a casa grande e vendidos. Lem e os meninos mais velhos estariam ali fora com varas de pescar nos ombros, sorrindo, e acenariam para mim, gritando “Vamos lá, Hi!” a caminho do rio Goose. Eu veria Arabella e o seu irmão Jack com os olhos sonolentos, mas que logo estaria jogando bolas de gude em um círculo de terra desenhado entre duas cabanas. E Thena, a mulher mais malvada da Rua, talvez varresse o jardim, batesse um tapete velho ou revirasse os olhos e sugasse os dentes diante da tolice de alguém. Mas era inverno na Virgínia, e toda pessoa com a cabeça no lugar estava encolhida dentro de casa junto ao fogo. Assim, quando eu saí, não havia ninguém na Rua, ninguém olhando pela porta da sua morada, ninguém para me pegar pelo braço, dar dois tapas na minha bunda e gritar: “Hi, esse frio vai acabar matando você! Cadê a sua mãe, menino?”

Subi o caminho sinuoso e entrei no bosque escuro. Parei pouco antes de avistar a cabana do chefe Harlan. Ele era parte daquilo? Ele era o capataz de Lockless, um branco de classe baixa que aplicava “corretivos” quando achava apropriado. O chefe Harlan era a mão física da escravidão, dominando os campos, enquanto a sua esposa, Desi, governava a casa. Mas, quando consegui organizar os fragmentos de memória, não encontrei o chefe Harlan. Vi a calha de água. Senti o cheiro dos cavalos. Tinha que ir aos estábulos. Com certeza algo cujo nome eu desconhecia estava à minha espera lá, algo crucial sobre a minha mãe, algum caminho secre-

to, talvez, que me levaria até ela. Ao entrar naquela floresta com o vento cortante do inverno, ouvi de novo as vozes aparentemente aleatórias que agora se multiplicavam e que, na minha cabeça, se transformaram outra vez em uma visão: a calha de água.

Quando dei por mim estava correndo, com a maior velocidade que minhas pernas curtas podiam me carregar. Precisava chegar ao estábulo. Meu mundo inteiro parecia depender disso. Cheguei às portas brancas de madeira e empurrei até que se abrissem, o que me fez cair no chão. Levantei depressa e corri para dentro, onde encontrei os elementos da minha visão matinal espalhados diante de mim: cavalos e a longa calha de água. Me aproximei de cada cavalo e olhei nos seus olhos. Os bichos só olhavam de volta, bobos. Fui até a calha de água e olhei para a escuridão negra. As vozes voltaram. Alguém implorando algo para mim. E então as visões tomaram forma na escuridão da água. Vi os Tarefeiros que um dia moraram na Rua, agora perdidos. Uma névoa azul começou a emergir do negrume da água, iluminada por dentro. Senti a luz me puxando cada vez mais na direção da calha. Então olhei em volta e vi o estábulo desaparecer, igual à ponte tantos anos depois, e pensei que era esse o sentido do sonho: um caminho secreto que me libertaria de Lockless para que eu me juntasse à minha mãe. Quando a luz azul se dissipou, no entanto, não foi ela que vi, mas um teto triangular de madeira, que reconheci como sendo o da cabana da qual havia saído minutos antes.

Eu estava no chão, de costas. Tentei ficar em pé, mas os braços e as pernas pareciam pesados, acorrentados. Consegui me levantar e campear até a cama de corda que dividia com a minha mãe. O cheiro forte dela ainda estava no nosso quarto, na nossa cama, então tentei segui-lo pelas velas da minha cabeça, mas, enquanto todas as voltas e reviravoltas que marcaram a minha curta vida estavam claras diante de mim, minha mãe era apenas neblina e fumaça. Tentei rememorar o rosto dela, mas, quando a lembrança não me veio, pensei em seus braços, suas mãos, mas só havia fumaça e, quando procurei me lembrar das suas correções, dos seus sentimentos, encontrei apenas fumaça. Ela havia passado da colcha quente da memória para a fria biblioteca dos fatos.

Adormeci. E quando acordei, no final da mesma tarde, foi com plena consciência de que estava sozinho. Já vi muitas crianças no mesmo lugar em que me encontrei naquele dia, órfãs, se sentindo abandonadas e expostas a todos os elementos do mundo, e sei que algumas explodem em acessos de birra, outras ficam andando em um quase estupor, outras choram durante dias e outras ainda se movem com um foco estranho, atentas apenas ao momento presente. Uma parte delas morreu e, como os cirurgiões, essas crianças sabem que a amputação deve ser imediata. Então aquele era eu, naquela tarde de domingo, quando me levantei ainda com as mesmas botinas e o mesmo casaco, e saí de novo, dessa vez a caminho do armazém onde pegaria a porção semanal de fubá e meio quilo de carne de porco dados à minha família. Levei tudo para casa, mas não fiquei lá. Peguei as minhas bolas de gude, única coisa que eu possuía além do saco de mantimentos e da roupa do corpo, e voltei até a última construção na Rua, uma cabana grande afastada das demais. A casa de Thena.

A Rua era um lugar coletivo, mas Thena se isolava, nunca se juntava às fofocas, à conversa fiada ou às cantorias. Trabalhava com o tabaco e voltava para casa. Costumava ralar conosco, as crianças, por causa das brincadeiras barulhentas ao alcance do seu ouvido ou, às vezes, saía quase perturbada da cabana, de olhos arregalados, e sacudia a vassoura para nós. Para qualquer outra pessoa isso teria causado algum tipo de conflito. Mas eu tinha ouvido dizer que Thena nem sempre fora assim, que, em outra vida, vivida ali mesmo na Rua, tinha sido mãe não só de cinco filhos, mas de todas as crianças que havia ali.

Havia sido em outra época, uma da qual eu não me lembrava. Mas sabia que os seus filhos tinham ido embora. No que eu estava pensando diante da porta dela, com o meu saco de carne de porco e fubá? Sem dúvida havia outras pessoas que me aceitariam, outras que realmente gostam da companhia de crianças. Mas eu sabia que só uma pessoa na Rua entenderia o sofrimento que tomava forma dentro de mim. Mesmo quando Thena sacudia a vassoura para nós, eu sentia a profundidade da perda, a dor, a raiva que ela, ao contrário do restante de nós, se recusava a esconder, e achei essa raiva verdadeira, correta. Ela não era a mulher mais malvada de Lockless, era a mais sincera.

Bati na porta e ninguém atendeu. Como estava com frio, entrei. Deixei a ração do lado de dentro, subi a escada até o mezanino, deitei e fiquei olhando para baixo, esperando ela voltar. Ela entrou minutos depois, olhou para cima e fechou a cara, como sempre. Mas então foi até a lareira, acendeu o fogo, puxou uma panela da prateleira acima e, minutos depois, o cheiro familiar de carne de porco e pão de milho encheu a cabana. Ela olhou para mim de novo e disse:

— Se quiser comer, tem que descer.

MOREI COM THENA UM ano e meio até chegar à raiz exata da sua raiva. Em uma noite quente de verão, um gemido alto me acordou no estradinho em que eu dormia no mezanino da cabana. Era Thena falando enquanto dormia.

— Tudo bem, John. Tudo bem.

E aquilo foi dito com tanta clareza que, quando ouvi pela primeira vez, achei que ela se dirigia a alguém presente. Mas, quando olhei para baixo, vi que ela ainda estava dormindo. Eu já tinha me acostumado a deixar Thena com os seus fantasmas, mas, quanto mais ela falava, mais me parecia que, dessa vez, estava em perigo. Desci para despertá-la. Quando cheguei mais perto, em meio aos seus gemidos, ouvi:

— Tudo bem, tudo bem, eu falei. Tudo bem, John.

Estendi a mão, segurei o seu ombro e sacudi até ela acordar sobressaltada.

Ela olhou para mim, depois em torno da cabana escura, sem saber onde estava. Então semicerrou os olhos e se concentrou de novo em mim. Durante o ano e meio anterior eu havia ficado praticamente imune à fúria de Thena. De fato, para o alívio da Rua, os acessos dela tinham diminuído, como se talvez a minha presença tivesse começado a curar uma ferida antiga. Algo estava errado e eu soube disso assim que a vi focada em mim.

— Que diabo você tá fazendo aqui? — perguntou ela. — Seu ratinho, cai fora daqui! Cai fora!

Eu me arrastei para fora e vi que estava quase amanhecendo. O borri-far amarelo do sol logo estaria espiando de cima das árvores. Voltei para

a velha cabana que eu ocupava com a minha mãe e fiquei sentado nos degraus até a hora da Tarefa.

Eu tinha onze anos. Era um menino pequeno para a idade, mas não havia exceções, e me puseram para trabalhar como um homem. Eu fazia rebocos e consertava as cabanas. Carpia os campos no verão e varria folhas no outono como todo mundo. Armava armadilhas e pescava. Cuidava do jardim, mesmo depois de a minha mãe ter ido embora. Mas, em um dia quente como aquele que começava, eles mandavam todas as crianças, inclusive eu, levar água para os Tarefairos nos campos. Então, durante todo aquele dia ocupei meu lugar em um grupo de crianças que ia do poço perto da casa grande da propriedade até os campos de tabaco. Quando o sinal tocou e todos pararam para jantar, não voltei para Thena. Em vez disso, escolhi um ponto de observação seguro na floresta e fiquei olhando. A Rua estava animada, mas os meus olhos miravam a cabana de Thena. A cada vinte minutos, mais ou menos, ela saía e olhava para os dois lados como se esperasse um convidado, depois voltava para dentro. Quando enfim voltei para a cabana, já era tarde e ela estava sentada em uma cadeira ao lado da cama. Eu sabia, pelas duas tigelas vazias no aparador, que ainda não tinha comido.

Jantamos e, quando chegou a hora de me recolher, ela se virou para mim e disse em um sussurro entrecortado:

— O John, o Big John, era meu marido. Ele morreu. Febre. Acho que você precisa saber disso. Acho que você precisa saber umas coisas de mim, de você, deste lugar.

Ela parou e olhou para a lareira, onde as últimas brasas usadas para o preparo do jantar morriam.

— Tonto não ficar muito afita. A morte é natural, mais natural que este lugar. Mas a morte que veio *desta* morte, do meu Big John, não foi nada natural. Foi assassinato.

O ruído e a algazarra da Rua tinham diminuído e agora só havia o lamento baixo e ritmado dos insetos noturnos. Nossa porta estava aberta para deixar entrar a brisa calma de julho. Thena pegou o cachimbo em cima da lareira, acendeu e começou a baforar.

— Big John era o controle. Você sabe o que isso quer dizer, não sabe?

— Quer dizer que ele era chefe dos campos daqui.

— Isso — disse ela. — Escolheram ele pra supervisionar todas as turmas do tabaco. Mas Big John não era o controle por ser o mais malvado, que nem o Harlan. Ele era o controle porque era o mais sábio, mais do que qualquer branco, e a vida de todo mundo dependia dele. Os campos não são só campos, sabe, Hi? São o coração da coisa. Você rodou por aí. Conhece este lugar e todos os negócios chiques, você sabe o que eles têm.

Eu sabia. Lockless era enorme, milhares de hectares arrancados das montanhas. Eu adorava passar o tempo nos campos, explorar esses hectares, seus pomares cheios de pêssegos dourados, os campos de trigo ondulando ao vento de verão, pés de milho coroados de uma esperança amarela como seda, uma granja de laticínios, uma fundição, uma carpintaria, uma casa de gelo, jardins cheios de lilases e lírios-do-vale, tudo projetado com geometria exata, em esplendorosa simetria, uma matemática que eu era jovem demais para compreender.

— Bacana, né? — continuou Thena. — Mas tudo começa com o que tem bem aqui nos campos e com o que tem aqui neste cachimbo. O chefe de tudo era o meu homem, Big John. Não tinha ninguém que soubesse mais dos jeitos e macetes da folha dourada do que o meu homem. Ele sabia a melhor maneira de desenterrar as lagartas, qual folha descartar e qual deixar. Então, com isso, ele ganhou uma vantagem com os brancos. Foi assim que eu consegui esta casa grande aqui. E a gente aproveitou bem. Dava a nossa dose extra de mantimento pra quem não tinha. Era John que insistia.

Ela parou para dar mais algumas baforadas no cachimbo. Fiquei olhando os vagalumes com o seu brilho amarelo contra as sombras.

— Eu amava aquele homem, mas ele morreu e, depois disso, tudo ficou ruim. A primeira colheita péssima que eu lembro veio depois que John se foi. Então teve outra. E mais outra. O pessoal pode falar pra você que nem John poderia ter salvado a gente. Era a terra amaldiçoando esses brancos pelo que eles fizeram, pelo quanto exploraram. Ainda assim sobrou alguma terra vermelha da Virgínia vermelha, mas logo vai ser tudo

areia da Virgínia. E eles sabem disso. Então ficou um inferno desde que John se foi. Inferno pra mim. Inferno pra você.

“Penso na sua tia Emma. Penso na sua mãe. Eu me lembro das duas, Rose e Emma. Puxa, eram uma dupla e tanto. Elas se adoravam. Adoravam dançar. Eu me lembro delas, ah, se lembro. Mesmo doendo de vez em quando, não dá pra esquecer, Hi. Não dá pra esquecer.”

Fiquei calado observando ela falar enquanto todo o peso de já ter esquecido caía sobre mim.

— Eu sei que não vou esquecer os meus filhinhos — retomou Thena. — Eles levaram todos os cinco pra pista, botaram em um lote junto com os outros e venderam, igual como vendem essas barricas de tabaco.

Thena baixou a cabeça e levou as mãos à testa. Quando olhou de novo para mim, vi as lágrimas correndo pelo seu rosto.

— Quando aconteceu, o tempo todo eu amaldiçoava John, porque, na minha cabeça, se ele estivesse vivo, meus bebês ainda estariam aqui comigo. Não era apenas o conhecimento que só ele tinha, mas porque eu sentia que John ia fazer o que eu não tive coragem de fazer, John ia impedir eles.

“Você sabe como eu sou. Já ouviu o que falam de mim. Mas você também sabe que tem alguma coisa machucada na velha Thena, e, quando eu vi você ali em cima, senti que a mesma coisa estava machucada em você. E você me escolheu, seja lá porque razão de menino, você me escolheu.”

Ela se levantou e começou a sua rotina noturna de arrumar a casa. Eu subi para o mezanino.

— Hi — chamou ela.

Quando olhei para trás, ela estava me observando.

— Sim, senhora? — respondi.

— Eu não posso ser sua mãe. Eu não posso ser Rose. Ela era uma mulher linda, com o coração muito bom. Eu gostava dela e não gosto de muita gente. Ela não era de fazer fofoca, era reservada. Eu não posso ser o que ela era pra você. Mas você me escolheu e eu entendo isso. Quero que saiba que eu entendo.

Fiquei acordado até tarde naquela noite, olhando as vigas do teto, pensando nas palavras de Thena. *Uma mulher linda, coração muito bom, não era de fazer fofoca, era reservada.* Somei isso às lembranças dela que recolhi das pessoas na Rua. Thena não tinha como imaginar o quanto eu precisava dessas pecinhas do quebra-cabeças da minha mãe que, ao longo dos anos, juntei para forjar o retrato da mulher que vivia nos sonhos como Big John, mas apenas como fumaça.

E O MEU PAI? E o senhor de Lockless? Desde muito cedo eu sabia quem ele era, porque a minha mãe não fazia segredo do fato, nem ele. De vez em quando, eu o via a cavalo, fazendo seu giro pela propriedade, e quando os nossos olhares se encontravam, ele parava e tocava na aba do chapéu para mim. Eu sabia que ele tinha vendido a minha mãe, porque Thena não parava de me lembrar disso. Mas eu era um menino que via nele o que meninos não podem deixar de ver nos pais, um modelo no qual podem formar a própria masculinidade. E mais: eu começava a entender o grande abismo que separava Qualidade e Tarefairos — que o Tarefairo, curvado nos campos, carregava o tabaco do morro para a barrica, levava uma vida sacrificada; diferente da que levavam os da Qualidade, que viviam na casa lá em cima, na sede de Lockless. E, sabendo disso, era natural que eu admirasse o meu pai, porque eu via nele um emblema de outra vida, uma vida de esplendor e prazer. E sabia que tinha um irmão lá em cima, um menino que experimentava prazeres enquanto eu trabalhava, me perguntando que direito ele tinha a uma vida ociosa e que lei me atribuía à Tarefa. Eu precisava apenas de algum método para elevar minha posição, para me colocar em algum posto onde pudesse mostrar minha qualidade. Esse era o meu sentimento naquele domingo, quando o meu pai fez sua fatídica aparição na Rua.

Thena estava com um humor melhor do que o habitual, sentada na varanda, sem fazer cara feia nem espantar nenhuma criança mais nova quando passavam correndo. Eu estava na parte de trás da casa, entre os campos e a Rua, cantando uma música:

Oh, Senhor, tão duro sofrimento

Oh, Senhor, tão duro sofrimento

Ninguém sabe o quanto eu sofro, só o meu Deus

Ninguém sabe nada, só o meu Deus

Continuei verso após verso, levei a música do sofrimento para o trabalho, do sofrimento para a esperança, do sofrimento para a liberdade. Verso após verso continuava. Quando cantava o chamado, mudava a minha voz para o som do líder no campo, ousada, exagerada. Quando cantava a resposta, usava a voz das pessoas à minha volta, imitava uma a uma. Ficavam encantadas as pessoas mais velhas, e seu prazer crescia à medida que a música se estendia, verso após verso, até que tive a chance de imitar a todos. Mas nesse dia eu não estava observando os mais velhos. Observava o homem branco montado no marchador do Tennessee, com o chapéu enfiado na cabeça, que se aproximou, sorriu e aprovou a minha apresentação. Era o meu pai. Tirou o chapéu, pegou um lenço do bolso e enxugou a testa. Aí, colocou o chapéu de volta, enfiou a mão no bolso, tirou alguma coisa e jogou na minha direção, e eu, sem tirar os olhos dele, peguei o objeto no ar. Ali fiquei um longo momento com o olhar travado com o dele. Dava para sentir a tensão atrás de mim: os mais velhos temiam que a minha imprudência pudesse despertar a ira de Harlan. Mas o meu pai continuou sorrindo, então acenou para mim e se afastou.

A tensão diminuiu e voltei para a cabana de Thena, subi para o meu espaço no mezanino. Puxei do bolso a moeda que ele jogou para mim pouco antes de se afastar e vi que era de cobre, com bordas irregulares e ásperas, a imagem de um homem branco na frente e um bode na parte de trás. Ali no meu canto, toquei suas bordas ásperas, senti que tinha encontrado o meu método, a minha marca, o meu passe para longe dos campos e para fora da Rua.

E ACONTECEU NO DIA seguinte, depois do nosso jantar. Olhei para baixo e vi que Desi e o chefe Harlan conversavam com Thena em voz baixa.

Tem por ela. Eu nunca tinha visto a ira de Desi ou de Harlan, mas as histórias que ouvira já bastavam. Diziam que o chefe Harlan uma vez atirou em um homem porque ele tinha usado a enxada errada, e Desi uma vez açoitou uma garota no estábulo com um chicote de carruagem. Thena olhava para baixo, balançando a cabeça de vez em quando. Quando Desi e Harlan saíram, Thena me chamou.

Em silêncio, ela me levou para os campos, onde ninguém ia escutar. Já era tarde da noite. Senti o ar parado do verão se dissolvendo na noite. Eu estava muito nervoso, achava que sabia o que estava por vir, então, quando ouvi os sons noturnos da natureza ressoando em coro ao nosso redor, acreditei que cantavam para um futuro grandioso.

— Hiram, eu sei que você vê muito. E sei que, mesmo que todo mundo tenha que lidar com a brutalidade deste mundo, você se virou melhor do que muita gente mais velha. Mas agora vai ficar mais brutal — disse ela.

— Sim, senhora.

— Os brancos vieram dizer que seus dias no campo acabaram, que você vai subir lá pra cima. Mas eles não são a sua família, Hiram, quero que você veja bem isso. Você não pode relaxar lá em cima e a gente não pode esquecer um do outro. Estão chamando a gente agora, tá ouvindo? *Nós dois*. Esse seu truque, eu vi bem, todo mundo viu, me pegou também. Eu tenho que ir lá pra cima, cuidar de você, e você pode achar que me salvou de alguma coisa, mas o que você fez mesmo foi me botar debaixo das vistas deles.

“A gente aqui tem um mundo nosso, um jeito nosso de ser, de conversar, de rir, mesmo que você não me veja fazendo nenhuma dessas coisas. Mas aqui eu tenho escolha. Não é uma maravilha, mas é nossa. Lá no alto, com eles em cima de você... bom, é diferente.

“Então você vai ter que tomar conta de você mesmo, filho. Tome cuidado. Lembre-se do que eu falei. Eles não são a sua família, filho. Eu sou mais sua mãe aqui na sua frente do que aquele homem branco naquele cavalo é seu pai.”

Ela tentava me dizer, tentava me avisar sobre o que estava por vir. Mas o meu dom era a memória, não a sabedoria. E no dia seguinte, quando

Roscoe, o mordomo bochechudo e afável do meu pai, veio até nós, tive que me esforçar para esconder a empolgação. Subimos dos campos de tabaco, passamos pelos trabalhadores braçais com o ressoar de sua música:

Quando chegar ao céu, diga que lembra de mim

Lembra de mim e da minha alma caída

Lembra da minha pobre alma caída

E então passamos pelos campos de trigo, atravessamos o gramado verde, cruzamos o jardim de flores, até que eu vi, elevada sobre uma pequena colina, a grande casa de Lockless brilhando como o próprio sol. Quando chegamos mais perto, vi as colunas de pedra, o pórtico e a claraboia sobre a entrada. Tudo muito magnífico. Com um arrepio repentino, senti que aquela casa pertencia a mim. Por direito de sangue. Eu estava certo, mas não no sentido que pensava.

Roscoe olhou para mim e acho que fez uma careta ao ver aquele brilho nos meus olhos.

— Nós vamos por aqui — disse ele.

Então fomos andando para longe da porta, para a base da pequena colina em que ficava a casa, e ali eu vi a entrada de um túnel. Enquanto avançávamos, trabalhadores saíam de cômodos laterais para cumprimentar Thena e Roscoe no seu caminho para túneis adjacentes menores. Estávamos em um labirinto, um submundo debaixo da grande casa.

Paramos na frente de um dos quartos laterais e claro que ali era o meu lugar. Havia uma cama, uma mesa, um lavatório, um vaso e um pano. Não havia piso superior. Não havia espaço inferior. Não havia janela. Fiquei parado ao lado de Roscoe junto à porta enquanto Thena largava a bolsa com suas coisas. Ela não tirava os olhos de mim e eu sentia suas palavras naquele olhar: *eles não são a sua família*. Mas, depois de um momento, ela desviou o olhar e tudo que disse foi:

— Pode levar ele pra cima agora.

Roscoe pôs a mão no meu ombro, me levou de volta para o Labirinto, então subimos uma escada e demos de cara com uma parede. Roscoe

tocou algo que eu não vi e a parede deslizou. Saímos da escuridão para uma ampla sala inundada de luz e cheia de livros.

Fiquei parado na porta, desorientado: a luz que inundava a sala, o cheiro de terebintina, os tapetes persas dourados e azuis, o brilho do piso de madeira... mas eram os livros que atraíam o meu olhar. Eu já tinha visto livros antes, havia sempre um ou dois de nós na Rua que sabiam ler e que guardavam velhos diários ou livros de canções nas suas cabanas, mas nunca tantos como via ali, estantes que iam do chão ao teto em todas as paredes. Fiz o possível para não olhar. Sabia o que acontecia com gente de cor curiosa demais sobre o mundo além da Virgínia.

Desviei o olhar e vi o meu pai, de colete e de camisa, sentado em um canto da sala, observando a mim e a Roscoe. Virei a cabeça e vi no outro canto um menino mais velho do que eu, branco. Por algum truque do sangue, soube na hora que era o meu irmão. Meu pai acenou de leve, sem esforço, e vi que Roscoe reconheceu nesse movimento que devia sair. Roscoe então se virou como se executasse uma manobra militar e desapareceu atrás da parede corrediça. Ali estava eu, sozinho com o meu pai, Howell Walker, e com o meu irmão, os dois me encarando em curioso silêncio. Enfiei a mão no bolso, encontrei a moeda de cobre e toquei as suas bordas ásperas e irregulares.

Por toda a América as plantações de tabaco floresceram e trouxeram riqueza aos senhores de terra durante o século XIX. Quando a bonança começa seu declínio, Howell Walker já vislumbra o próprio fim e sabe que precisará de um substituto para administrar os últimos dias de Lockless, sua propriedade no coração da Virgínia, Estados Unidos. Logo fica claro que seu único herdeiro, Maynard, não tem a menor aptidão para a missão. E mesmo o jovem Hiram, com sua resiliência e memória infalíveis, não poderia fazê-lo — além de filho ilegítimo de Walker, ele é um escravo.

No entanto, quando os meios-irmãos se afogam nas águas do rio Goose, a vida de Hiram é poupada por um poder misterioso e até então oculto dentro dele, uma herança materna que se perdera junto com as lembranças da mãe, vendida e levada para nunca mais voltar. Desse breve encontro com a morte brota uma grande urgência: Hiram precisa escapar do lugar que foi seu lar e prisão desde o dia em que nasceu.

A dança da água narra toda a atrocidade infligida a homens, mulheres e crianças negros ao longo de gerações — os grilhões da escravidão e o desmembramento cruel de inúmeras famílias —, compondo um relato comovente e místico sobre destino e propósito, perda e separação.

Saiba mais em:

www.intrinseca.com.br/livro/983/